

As ressonâncias continuam: a psicanálise e o judaísmo vibram com questões que tocam em diferentes psicanalistas e intelectuais. O tema pareceria ter se esgotado após tantos escritos e publicações que apareceram nos últimos anos, mas este livro mostra que não.

Comentar um livro de vários autores é uma tarefa difícil, uma entre outras que desafiam a nós psicanalistas. Somos estimulados pelas dificuldades, fascinados até, como já ensinou o mestre judeu. Se ele não fosse judeu, haveria tantos livros sobre judaísmo e psicanálise? Talvez seja uma pergunta ingênua, mas legítima, diante de certos exageros no afã de encontrar relações entre a criatividade de Freud e sua origem, sua cultura. Muitas explicações expressam o espanto frente ao pensador genial; no fundo continuamos pasmos. Mas aos poucos também mudamos; felizmente, os psicanalistas estão podendo repensar certas dogmas, velhas técnicas, e recuperando temas silenciados. Um exemplo é o humor, praticamente esquecido desde 1927, quando Freud enviou para o X Congresso Internacional de Psicanálise, em Innsbruck, um pequeno e preciso trabalho intitulado *Der Humor*. Daqui a pouco terão passado oitenta anos, e tão pouco foi pensado e produzido a partir deste pequeno grande texto.

Um livro pode ser organizado a partir dos autores ou do

As ressonâncias continuam

Resenha de Maria Olympia A. F. França, **Freud – A Cultura Judaica e a Modernidade**, São Paulo, Senac, 2002, 239 p.*

sumário. No primeiro caso, pensa-se um tema – no caso, Freud, a cultura judaica e a modernidade – e o organizador busca nomes para escrever. A outra possibilidade, mais difícil, é estabelecer os temas e só aí pensar nos profissionais para cada item. Esta forma é a mais difícil, porém me parece mais produtiva; entretanto, o caminho dos nomes famosos é mais sedutor. Este livro, por exemplo, reuniu Sérgio Paulo Rouanet, Marilena Chauí, Celso Lafer, Alberto Dines, Jacó Guinsburg e tantos mais, o que impressiona e parece atrativo. Como eu próprio já fiz este caminho ao organizar coletâneas, posso formular esta crítica sem incômodos. No caso presente, por

exemplo, o artigo sobre Espinosa é ótimo, mas fica longe de Freud, bem longe. O estudo do anti-semitismo em Hanna Arendt, que é muito bom, também fica distante da proposta inicial. O livro lembra uma revista: a própria *Percurso* várias vezes estabeleceu um tema central, ajudando o leitor a situar uma questão ou um autor.

Felizmente, achei uma ótima luz na proposta de Maria Olympia A. F. França: os dois trabalhos sobre o humor. Logo fixei a atenção nestas reflexões, que analisarei em detalhe, pois creio ser este, hoje, um dos mais importantes assuntos da psicanálise. As instituições psicanalíticas, nossas práticas de formação, nossos textos, os tratamentos intermináveis, são em geral pesados. O texto de Leopold Nosek – “Humor: estratégia de sobrevivência” – já no início arrisca sobre nosso silêncio sobre o tema: “Devemos ser sérios: ainda temos que provar que possuímos uma ciência. Esquecemos, porém, que nossa ciência é peculiar; é a ciência dos sonhos, e tão importante como estes é o riso. A loucura exclui o riso; os fatos adquirem dureza, não permi-

tem que possamos rir de nós mesmos e dos outros.” Esta interessante reflexão abre avenidas para debates renovados a respeito da nossa clínica e de nossa identidade: uma pérola.

O artigo inicia prometendo falar com leveza, mas conclui contando uma história atroz sobre Alma Rose, a sobrinha de Mahler que dirigia uma orquestra em Auschwitz. Ou seja: não é fácil mudar, após anos e anos de tanta seriedade! Há muito para aprender com este texto, como nesta frase: “O sofrimento em si não cria nada, não é matéria-prima de nada. É o sofrimento pensado que impulsiona a criação do novo.”

Aí está o desafio que não devemos esquecer: o da criatividade, o de inventar e descobrir caminhos, não ceder à tentação de só repetir “segundo Freud”, ou “conforme Lacan”, Klein ou outro autor. Nossa clínica é bem mais interessante do que nos animamos a contar e escrever, pois sai muitas vezes dos cânones, das velhas e surradas recomendações.

A proposta de Leopold Nosek é entranhar o humor no dia-a-dia, não como espaço marginal, mas como forma de estar no mundo, modo de interagir, de reagir e de pensar. Ao lê-lo, veio à minha lembrança um dito de Wittgenstein: “o humor, mais do que um estado de espírito, é uma forma de ver o mundo”. A história do divã vale a pena ser recordada: uma jornalista pergunta a Leopold Nosek se o divã de Freud que viria para a exposição de seus obje-

*. Nota da coordenação de *Percurso*: Este livro recebeu menção honrosa (terceiro lugar) na categoria Psicologia e Psicanálise do Prêmio Jabuti de 2004.

tos em São Paulo era o verdadeiro, ou uma réplica. Ele responde que é uma réplica, mas isso não tem importância: não se trata de um objeto sagrado. Já o tapete persa que cobria o famoso divã seria mostrado “em pessoa”. E, num impulso bem humorado, acrescenta: “Você sabe se o papa, quando veio ao Brasil, era o verdadeiro ou uma réplica?” A jornalista diz que era o verdadeiro. E o psicanalista: “Vou lhe falar em *off*, não conte a ninguém: eles arrumaram um polaco parecido com o papa, e enviaram para cá uma réplica”. No dia seguinte, apareceu como manchete o que deveria ficar como brincadeira!

O humor é sempre irreverente, rebelde, livre, politicamente incorreto, e este talvez seja um dos motivos da dificuldade que ele tem para penetrar na formalidade da vida psicanalítica. Em 1974, em Roma, Jacques Lacan disse numa entrevista uma de suas frases desconcertantes: “a psicanálise só se salva como palhaçada”. Vale a pena pensar se a idéia teria a ver com o humor e alegria...

O segundo artigo que escolhi para examinar é o do psicanalista Renato Mezan: “Humor Judaico: sublimação ou defesa?” Talvez ele tenha sido o primeiro no Brasil a criar pontes entre a Psicanálise e o judaísmo, através de seu livro sobre as ressonâncias entre ambos. Depois, de tempos em tempos, Mezan volta a fazer reflexões originais, como o estudo sobre a violência entre ju-

deus na raiz do assassinato de Itzhak Rabin, ou sobre a identidade judaica. O título do seu trabalho é uma pergunta, à qual responde ao final: “Talvez a função primordial do humor judaico já não seja, hoje, oferecer canais para a liberação das repressões, nem para a manifestação socialmente admitida da agressividade. Ele já não parece voltar-se contra a ditadura do superego, nem contra a autoridade do governo ou da religião. Seu papel é oferecer uma plataforma identificatória para os judeus seculares, que se reconhecem nas piadas a seu próprio respeito.”

A hipótese de Mezan merece reflexão, pois é a chave de sua colaboração. O engraçado é que ele faz uma pergunta sobre o humor como sublimação ou defesa, para concluir que não seria nem uma coisa nem outra, e sim uma terceira. Ou seja, brincou com o leitor para fazê-lo pensar. Vários conceitos de Freud vêm sendo revisados e enriquecidos, entre eles o de sublimação, que não seria mais somente a dessexualização do alvo da pulsão, mas uma forma de afirmação, de saída criativa do aparelho psíquico atra-

vés de objetos de satisfação erótica compartilhados culturalmente. Seguindo este caminho, a tese de Mezan sobre o humor judaico como plataforma identificatória está de acordo com a sublimação. Ou seja, para chegar – através do humor judaico – a esta forma criativa de identificação, é necessária a sublimação que erotiza a vida e celebra o laço social, pelo aumento do seu potencial criativo: o humor, para o judeu, é um momento de entusiasmo e alegria por fazer parte de um povo que tão bem sabe gozar. (Aliás, *sabe* ou *sabia*? Mas não é este o nosso assunto).

O texto de Mezan é todo montado com ótimas histórias e piadas judaicas, que ele reúne desde 1974, quando pela primeira vez escreveu sobre o tema. Vale a pena recordar uma: um judeu encontra seu amigo sentado num café em Berlim, lendo placidamente *Der Stürmer* (o jornal do Partido Nazista):

“Como! Você lendo esta porcaria! Por acaso virou ma-soquista?”

“Veja, se eu leio a imprensa judaica, só fico sabendo de desgraças: lojas destruídas, pessoas presas e humilhadas, a estrela amarela... Mas neste jornal só dão notícias boas: os judeus dominaram o mundo, são os maiores financistas, os intelectuais mais destacados. É lógico que prefiro ler isto!”

O humor judaico enfrentando o poder e a loucura na-

zista: os alemães matam os judeus, mas estes seguirão sendo mais inteligentes e derrotando a força bruta. Quando vejo aqueles documentários da Segunda Guerra Mundial, em que velhinhos de barba não deixam se abalar pelo desenlace fatal, percebo uma riqueza espiritual, como no humor. Há uma rebeldia, uma afirmação da identidade, algo como: “morro, mas não perco a fé”, ou “morro, mas gozo a burrice do meu assassino”.

O humor está muitas vezes vinculado à tristeza e à morte. Lembremos o último *Witz* do livro de 1905, repetido como primeiro exemplo no artigo de 1927, o condenado que sobe à força numa segunda-feira: “Bela semana, esta que está começando!” Enfrentar com humor as dificuldades da vida, os dramas cotidianos é um dom raro e precioso. A importância deste dom é o destaque dos trabalhos de Mezan e Nosek, e se minha memória não falha, é apenas a esta qualidade humana que Freud concede tanto destaque: “um dom raro e precioso”. Chamo a atenção para isso porque Kohut, em seu trabalho “Formas e Transformações do Narcisismo”, expõe as cinco qualidades em que o narcisismo se transforma, e que poderiam servir

como critérios de cura: criatividade, finitude, empatia, humor e sabedoria. Ou seja, a capacidade de ter humor deveria estar presente na psicanálise, aliviando o peso e o sofrimento da vida.

Lembro agora uma reflexão do escritor Ricardo Piglia: numa conferência sobre Psicanálise e Literatura na Associação Psicanalítica Argentina, ele se refere às referências à psicanálise. Entretanto, destaca o atrativo do tratamento como forma de transformar as vidas comuns, sem grande acontecimentos, em dramas, batalhas, conflitos incríveis, dando a existências tediosas uma dimensão de odisséia. Tendo ou não razão, Piglia nos convida a avaliar os resultados de anos e anos de vida psicanalítica em termos de liberdade, de criatividade, de novidade. Teremos a coragem de fazer isto?

Mas o que me fascina ainda na obra de Freud e seus seguidores é a possibilidade de abrir caminhos novos, como ocorre com o livro *Ousar Rir*, de Daniel Kupermann, que dimensiona o humor como chave para uma clínica mais leve, embora não menos compromissada. Um livro ousado, dando-nos suporte para colocar o humor num outro patamar. A tese de Kupermann é que Freud, ao enviar seu trabalho ao X Con-

gresso Internacional de Psicanálise, quis praticar um ato de irreverência nas dimensões estéticas, ética e política. Seria um contraponto à onda tecnicista e burocrática que se apoderava da Psicanálise, na clínica cotidiana e na política de transmissão da Associação Internacional. A mesma onda tecnicista se espelhava no desejo de ver a Psicanálise compartilhar da suposta cientificidade e do reconhecimento social detidos pela medicina. A mensagem de Freud: o humor não é resignado, mas rebelde, e sua rebeldia consiste na promoção de uma ilusão criativa, essencial para que possamos atribuir sentido ao real. Conclui Kupermann: “a vida é um jogo lúdico com o qual se pode rir, e rindo, dispõe-se da potência erótica necessária à criação de um estilo de existência singular”. “O Humor”, de 1927, é o avesso de *O Futuro de uma ilusão* e do clima de “mal-estar da cultura” que se vivia na época, como se pode ver no filme de Ingmar Bergman, *O Ovo da Serpente*: a gênese do que estava por vir na Europa.

Em 2005, o livro do *Witz* fará cem anos. Um século de piada! É um dos livros menos lidos e aproveitados da grande obra freudiana. Lacan fez uma leitura importante dele, a partir de uma perspectiva lingüística, o que Renato Mezan destaca no início do seu trabalho. Neste início de século XXI, trata-se de desenvolver o *Witz* como humor, o sorriso como reação à seriedade por vezes pretensiosa da interpretação. Por outro lado, é bom recordar que a piada só se torna piada ao ser assim definida por quem a escu-

ta, e o mesmo ocorre com a interpretação.

Abro um parêntese para traduzir a palavra *Witz*, e para isso usarei um estudo que encomendei à psicanalista Karin Wondrachek, tradutora da correspondência completa entre Freud e o Pastor Pfister.

Diz Karin que *Witz* significa *graça, espírito, gracejo, chiste, piada*. Como qualidade de espírito, é o dom de dizer algo engraçado na hora certa. Antigamente, tinha o significado de esperteza, sensatez. Por extensão, alude à riqueza de *Einfälle* (ocorrências) engraçadas.

Em segundo lugar, *Witz* é a questão central, o xis do problema: “*der Witz der Sache*”. Por esta característica de designar o ponto certo, de captar o fundamental, o termo deriva – terceira acepção – para o próprio comentário bem colocado, e portanto capaz de despertar riso. Daí, “contar um *Witz*”, “fazer um *Witz*”, “este *Witz* é velho”, ou “sujo”, e expressões semelhantes: “não faça nenhum *Witz!*” “Isto é para ser um *Witz?*” (é cômico, maluco, absurdo?), ou ainda: “onde está o *Witz?*” (como em inglês: “*what is the point?*”)

Por fim, *gewitzt* é a pessoa espirituosa, bem dotada de *Witz*, que por isso pode perceber o *Witz* de situações pitorescas ou cômicas, com isto criando um *Witz* no sentido de brincadeira. Karin esclarece que somente a partir de 1800 é que este último sentido se fixou. *Witz* provém da mesma raiz que *Wissen* (saber), da qual também se originam *Gewissen* (consciência

moral), *Bewusstheit* (consciência, como na primeira tópica), e *Unbewusst* (inconsciente). O sentido etimológico desta raiz é *ver, enxergar, vislumbrar*.

Ora, se *Witz* pode ser piada, porque usar a palavra *chiste*? Creio que “piada” é uma palavra pouco séria; uma artista me disse que o título *A Piada e a sua relação com o inconsciente* já é uma piada, uma frase engraçada. Já está na hora de aproveitar as piadas na clínica, o bom humor, como ocorre com os sonhos e os atos falhos. O livro de Daniel Kupermann, assim como os artigos de Renato Mezan e de Leopoldo Nisek no livro *Freud – a cultura judaica e a modernidade*, são boas novidades neste sentido.

O humor é erótico, abre portas, corações e mentes: por isso, é um ingrediente fundamental na sexualidade. A potência do erotismo é a revelação mais contundente, mais prenhe de conseqüências teóricas e clínicas que a Psicanálise pôde fazer até hoje. A vida é pesada, violenta, muitas vezes sofrida; por isso, o humor nos ajuda a caminhar pelos complicados labirintos da existência.

Abraão Slavutzky é psicanalista, representante de *Percurso* em Porto Alegre, e organizador de várias coletâneas, entre as quais *Cem Anos de Psicanálise* (Artes Médicas), *Dever da Memória: a Revolta do Gueto de Varsóvia* (Age Editora), *A Paixão de Ser: Ensaio sobre Identidade Judaica* (Artes e Ofícios).